



O ENSINO DA GEOGRAFIA POR ENTRE LETRAS E CANÇÕES¹

Cátia Oliveira Macedo
catiamacedo@gmail.com

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4318-6234>

Ana Cristina Freire de Oliveira
anafreireoliveira@gmail.com

Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal de Educação do Pará (IFPA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2991-0529>

Sharlene Mougo Silva
sharlene@gmail.com

Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal de Educação do Pará (IFPA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2997-950X>

RESUMO

Neste artigo propomos discutir a aplicabilidade da música como recurso didático para o ensino de geografia. Para tanto, acompanhamos, ao longo do segundo semestre de 2017, duas turmas de 3º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação do Pará-IFPA. Partimos do pressuposto de que a música se apresenta como uma das possibilidades para a construção do conhecimento que interliga o vivido e a elaboração científica, podendo promover saberes contextualizados e críticos. A pesquisa-ação foi escolhida enquanto método por ser uma modalidade qualitativa de pesquisa que consiste tanto na análise e observação de fenômenos, bem como na reflexão do professor sobre sua própria ação. Os resultados apontam que o uso da música como recurso didático de geografia posiciona o aluno como sujeito da relação ensino- aprendizagem, bem como propicia contribuições no ensino de geografia ao agregar ludicidade, criatividade e conhecimento crítico ao seu ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino, Geografia, Música, Recursos Didáticos.

¹ Artigo elaborado a partir de projeto de pesquisa "O ensino de geografia por entre letras e canções" coordenado pela profa. Dra. Cátia Oliveira Macedo (UEPA/IFPA).

THE TEACHING OF GEOGRAPHY AMONG LYRICS AND SONGS

ABSTRACT

In this article, we propose to discuss the usage of music as an educational tool for the teaching of geography. For that purpose, we supervised, during the second semester of 2017, two classes of the 3rd year from the integrated High School of *Instituto Federal de Educação do Pará-IFPA*. We assume that music is one of the possibilities for the construction of knowledge that connects the living experience and the scientific production, supporting contextualized and critical knowledge. Research-action was chosen as the applied method because it is a qualitative research strategy comprising both the analysis and the observation of phenomena, as well as the teacher's assessment of his own action. The results show that the use of music as an educational tool of geography places the student as a subject of the teaching-learning process, as well as provides advances in this branch of teaching by adding playfulness, creativity and critical knowledge to its practice.

KEYWORDS

Teaching, Geography, Music, Educational Tools.

Apresentação

A geografia pressupõe, em seu ensino e aprendizagem, a constante inovação de suas práticas pedagógicas, por se tratar de uma ciência dinâmica, com um amplo arcabouço teórico metodológico que aborda a complexidade das relações entre sociedade e natureza no espaço geográfico. Segundo Passini et al (2011), nos dias atuais, essa necessidade se tornou ainda mais evidente ou importante, pois com a introdução cotidiana de novas tecnologias na vida das pessoas, cabe à escola e aos professores se manterem atualizados a fim de levarem para a sala de aula, de maneira inovadora e crítica, os conhecimentos e tecnologias do mundo contemporâneo.

Instigadas por esse debate, propomos uma reflexão sobre a utilização da música como recurso didático para o ensino da geografia. Entendemos que a música pode expressar territorialidades sonoras, pois contêm em si, conteúdos e temas diversos presentes no cotidiano dos alunos e professores. Como territorialidades sonoras compreendemos o universo das relações simbólicas, culturais e materiais que implicam na constituição de territorialidades específicas, a exemplo das relações exercidas pelos jovens estudantes da escola pública e habitantes da periferia de Belém.

Da Costa (2013, p.16) destaca que a tradição musical do brega em Belém é constituída pela “existência de clivagens culturais (as quais não significam de modo

algum isolamento cultural) que interferem na constituição do campo da cultura e da música popular a partir do contexto sociocultural da cidade”. Ressalva ainda a complexa e dinâmica relação entre espaços sociais e culturais diferenciados (o urbano e suburbano, por exemplo) e os múltiplos agentes sociais envolvidos nessa relação.

Essa tradição musical em particular, a música brega, revela o papel de uma cultura popular suburbana que se constitui e reforça códigos e experiências fortemente influenciada pelo cotidiano da periferia da cidade. A música brega, portanto, expressa a territorialidade urbana da periferia de Belém, e aos poucos tornaram-se elemento de distinção de classe (DA COSTA, 2016).

Como objetivo da pesquisa, busca-se discutir o uso da música como recurso didático no ensino de geografia. Para tanto, acompanhamos ao longo do segundo semestre de 2017 duas turmas de 3º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto de Educação Federal do Pará (IFPA), que denominamos de turma I, a classe de informática e, turma M, a classe de mineração. Partimos do pressuposto de que a música se apresenta como uma das possibilidades para a construção do conhecimento que interliga o vivido e a elaboração científica, podendo promover saberes contextualizados e críticos.

A pesquisa-ação foi escolhida enquanto método por ser uma modalidade qualitativa de investigação que consiste tanto na análise e observação de fenômenos, bem como na reflexão do professor sobre sua própria ação. Esta modalidade de investigação vem sendo bastante utilizada por pesquisadores da educação para analisar a relação professor-aluno, uma vez que pode contribuir para averiguação da qualidade e do uso de metodologias que são adotadas em sala de aula (TRIPP, 2005). Para realização da pesquisa e realização das audições, os alunos utilizaram aparelhos celulares, com internet roteada da conta pessoal da professora, uma vez que a escola não dispunha de *wi-fi* na sala de aula e caixinhas de som com *bluetooth*.

A pesquisa foi organizada em seis etapas, que envolveram desde as aulas expositivas e dialogadas, quando foram trabalhados os componentes curriculares do semestre (ver quadro I, etapa I), até a socialização final, quando os discentes participaram de uma palestra sobre o uso da música como metodologia de ensino. Nesse momento, os discentes puderam dialogar e problematizar questões que, de alguma forma, foram discutidas ao longo do semestre.

Esse texto se encontra dividido em quatro seções, além desta introdução e conclusão. A primeira seção apresenta a relação entre geografia, música e produção de conhecimento crítico; a segunda seção apresenta as etapas da pesquisa-ação e seus desdobramentos no contexto da sala de aula; a terceira seção aborda a experiência vivida

pelos alunos do 3º Ano do Ensino Médio na realização das atividades da disciplina geografia se utilizando a música; e, por fim, a quarta seção apresenta a percepção dos alunos com relação ao uso da música nas aulas de geografia.

Geografia, conhecimento geográfico e música

A adoção de práticas dentro de uma perspectiva crítica, ou “sócio construtivista” como coloca Cavalcanti (2011), requer que os alunos sejam agentes do seu próprio processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor a mediação na apreensão dos conhecimentos adquiridos previamente pelo discente, seja no seu contexto sociocultural e/ou através dos componentes curriculares. Além disso, cabe ao professor ampliar e transformar essas experiências dos educandos, na forma de conhecimento, interligando a Geografia com outras disciplinas e fazendo emergir novos questionamentos.

Nessa busca pela produção de um conhecimento contextualizado e crítico, deparamo-nos com o tema da metodologia de ensino, elemento-chave nesse processo. Na geografia brasileira destacam-se duas orientações teóricas metodológicas hegemônicas: a geografia clássica do século XIX e a geografia crítica, originária do movimento de renovação ocorrido na década de 1970. A disputa entre essas diferentes abordagens direcionou grande parte do aporte metodológico do ensino dessa disciplina.

No contexto da geografia clássica, Kimura (2010, p.74-75) abaliza que o aluno foi tratado como mero receptáculo, “[...] pronto para ser preenchido pelo conhecimento emanado do professor, que, sendo o dono do saber, era o único a expressar-se”. Além disso, verifica-se uma invisibilidade dos conteúdos referentes às relações sociais e às experiências cotidianas dos alunos. Já com a abordagem crítica, rompeu-se com a ideia de passividade do aluno e de autoridade absoluta do professor, bem como a “Geografia ganhou engajamento político, deixando de lado a neutralidade característica da Geografia Tradicional” (MENDES; SCABELLO, 2015, p.6).

Ancorada em referenciais renovadores, essa disciplina vislumbrou novos caminhos e redimensionou suas ações pedagógicas. Cavalcanti (2011, p. 35) aponta que, se desejamos refletir sobre aspectos metodológicos do ensino de Geografia, “[...] o primeiro passo é colocar o aluno como centro e sujeito do processo de ensino”. Posteriormente, deve-se refletir sobre o papel do professor e da própria disciplina. Assim, a relação ensino-aprendizagem em seus diferentes aspectos deve ser pensada em razão da cultura dos alunos e da cultura escolar, da mesma forma que a identidade de alunos e

professores deve ser o pilar para a construção do trabalho docente. Cavalcanti (2011, p. 45) destaca ainda que “ (...) ensinar geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes dos agentes do processo de ensino – alunos e professores”.

É nesse sentido que vislumbramos o uso da música como metodologia para o ensino de geografia. Entendemos que através da música é possível demarcar esse universo político, cultural e social que envolve a sociedade e, por conseguinte, a escola e seus integrantes, sendo capaz portanto, de promover conhecimento crítico. Nos “anos de chumbo” ou anos da ditadura militar brasileira, as denominadas “músicas de protesto”, tornaram-se importantes símbolos de resistência cultural. Nas palavras de Monteiro (2014, p.1), surgiu nos anos de 1960 um tipo de “canção politicamente engajada” repleta de críticas de viés político-social alimentadas ainda mais no período pós-golpe. Essas canções tinham o caráter de cultura de “resistência (arte popular revolucionária, *antiestablishment*” (grifos do autor).

Silva (2015) também acredita que a música pode ser usada como importante instrumento de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia, pois, através da análise de suas letras, o professor pode realizar um debate entre o conteúdo e o contexto em que a música foi escrita. Além disso, o aluno poderia realizar uma análise mais crítica do conteúdo, por se tratar de uma metodologia lúdica, que favorece a assimilação e memorização, o que pode gerar grandes benefícios ao processo de ensino e aprendizado dessa disciplina tanto para os alunos quanto para o professor.

No campo do conhecimento geográfico, Crozat (2016, p.14) aponta que a música pode “criar uma identidade territorial” fazendo parte da “transformação do espaço em território”. Assim a música no ensino da Geografia não traz apenas um retrato temporal de um contexto individual, mas também relações socioespaciais, por meio da expressão de diferentes formas, percepções, estilos e culturas. Logo, como recurso didático, a música pode propiciar contribuições para o processo de ensino e aprendizagem ao agregar ludicidade, criatividade e conhecimento crítico ao seu ensino.

Crozat (2016) evidencia ainda a música como um instrumento indispensável para o entendimento da complexidade da noção de identidade, além do caráter visual e espacial que a música traz quando associada às imagens e paisagens. As músicas ao se referirem ao espaço promovem uma espacialidade que é facilmente reconhecida pelos sujeitos sociais, em particular os discentes, que rapidamente se apropriam dos textos e sons para expressarem suas visões de mundo e ampliarem as redes de diálogos.

Envoltas em inquietações referentes à metodologia do ensino da geografia,

Paixão e Vieira (2013, p. 102) sinalizam que “[...]nos dias atuais as crianças e os adolescentes com acesso a informações veiculadas pela mídia impressa e eletrônica dificilmente vão se interessar pelas explicações unívocas e teóricas do professor”. Assim, se exige cada vez mais em sala de aula uma postura do professor que mobilize os discentes para a efetivação da aprendizagem. Neste sentido, a sua metodologia será fundamental na promoção do distanciamento ou aproximação, interesse ou desinteresse em relação aos temas e conteúdos trabalhados em sala.

Os primeiros trabalhos que se dedicam ao estudo da relação entre geografia e música no Brasil se filiam aos estudos americanos, com destaque para o debate sobre o conceito de cultura, a “importância atribuída no comportamento humano” e seus processos de mudança para compreender os fenômenos musicais observáveis (CASTRO, 2009). No limiar do século XX, esse campo de estudo se expandiu apresentando uma heterogeneidade de abordagens, com destaque para três principais: abordagens nas filosofias do significado, através da geografia humanística; a abordagem da geografia cultural e social e a abordagem voltada para o ensino de geografia, especialmente com enfoque no debate dos conceitos geográficos.

A presença da música na vida de jovens e adolescentes é muito intensa. No ambiente escolar isso não é diferente. Porém, na maioria das vezes, a escola tende a torná-la clandestina, uma vez que a “formalidade” das atividades escolares, impõe um controle ao ato de ouvir música. Foi exatamente essa presença massiva da música no cotidiano escolar que nos despertou para o seu uso como recurso didático. Além disso, entendemos que a música pode despertar esses alunos para a construção de um conhecimento que emerge do debate, da troca e, por conseguinte, da possibilidade de ler o mundo a partir das relações cotidianas e do vivido. Através da pesquisa observamos que o uso das melodias e dos ritmos das canções na sala de aula, impulsionou os discentes ao campo da leitura, da escrita e análises argumentativas, posicionando-o como sujeito e construtor da relação ensino-aprendizagem.

As etapas da pesquisa-ação

As atividades desenvolvidas nas turmas I e M foram discutidas pela professora, estagiárias e discentes logo no início do semestre, quando definimos as etapas ou ações a serem executadas. Os alunos participaram da construção do projeto, uma vez que

interferiam nas atividades propostas dando sugestões e suscitando inquietações que nos ajudavam na construção dessas ações. O quadro 1 sintetiza as etapas da pesquisa:

Quadro 1- Etapas da Pesquisa

| ETAPAS | OBJETIVOS |
|---|---|
| 1. Aplicação dos conteúdos - Apoio do livro didático de Almeida e Rigolin (2014) "Fronteiras da Globalização: O espaço Brasileiro, Natureza e Trabalho" | Dialogar acerca dos conteúdos, Urbanização, Industrialização brasileira e migração |
| 2. Formação dos grupos, eleição das canções e roda de conversa para discussão | Eleger as canções e relacionar com os conteúdos abordados em sala; preparar o seminário |
| 3- Elaboração de um texto relacionando o conteúdo trabalhado em sala e a música eleita | Ampliar o debate relacionando música e geografia e organizar o seminário |
| 4. Discussão interna dos grupos com auxílio da professora | Discutir os temas relacionando os conteúdos e a letra das canções |
| 5- Apresentação do seminário e entrevista com os discentes | Socializar do conhecimento e debater; avaliação dos objetivos propostos |
| 6- Fechamento do semestre com a realização da palestra "Música popular brasileira e as canções de protesto" | Ampliar e consolidar a construção do pensamento crítico sobre o tema |

Org.: Elaboração própria, 2020.

Na primeira etapa, a professora com o auxílio das estagiárias apresentou os conteúdos, se utilizando do quadro, do livro didático, do celular e de caixas de som. No final da aula ou no início ouvíamos uma canção (escolhida pela professora) que tratava do tema e aos poucos os alunos, elaboravam questões relacionando a letra e o conteúdo trabalhado em sala. Em suma, nesta etapa, tínhamos a exposição dialogada dos conteúdos, a audição das canções e uma breve rodada de conversa.

Somente após a exposição dos conteúdos, os alunos organizavam os grupos (que variavam entre 5 ou 6 integrantes) e começavam a pesquisa das músicas que seriam utilizadas nos seminários e nas rodas de conversa dando início a segunda etapa. Foram realizadas seis aulas antes do início da pesquisa e das rodas de conversa mais intensas.

Apesar da intensa agitação (tanto para os alunos quanto para a professora) observada nessa etapa, uma vez que tal estratégia pedagógica era nova e inquietadora para aqueles alunos (conforme mencionado na sessão 5). Observamos que os alunos demonstraram autonomia, criatividade e responsabilidade na execução das tarefas. Certamente, um dos fatores que confluíram para essa resposta positiva foi a possibilidade

de troca e diálogo entre os integrantes do grupo a partir das inquietações da pesquisa. Além disso, a possibilidade de acessar a *internet* e ouvir música na sala de aula deixava os estudantes motivados, participando mais ativamente das atividades.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi a proposta de elaboração conjunta como algo que agradava às turmas. A pluralidade sociológica dos alunos, entrecortados por divisões de gênero, classe, raça, geração, os levou a buscar estilos musicais diversos e de épocas distintas. Esse exercício pedagógico, pelo menos nos limites de nossa observação, mostrou-se bastante motivador.

Seguindo a metodologia, a professora/mediadora apresentou um roteiro semiestruturado para que os alunos encaminhassem as discussões e, a partir disso, elaborassem um texto relacionando o conteúdo trabalhado em sala com a música selecionada. Esse texto seria a base para a organização do seminário ou roda de conversa. Essa foi a terceira etapa. O roteiro continha os seguintes questionamentos: Qual o autor da música? Em que momento da história do país ela foi escrita? Qual o nome da música? Que mensagens o autor passava através daquela canção? Quais conteúdos discutidos em sala poderiam ser relacionados com as letras das canções?

Nesse planejamento, deveria constar a definição de um conteúdo da geografia e as possíveis questões a serem abordadas a partir das letras das canções. Assim, os alunos apresentavam o tema do seminário a partir da canção escolhida. Não havia uma estrutura fechada, apenas sugestões para que os discentes dessem os passos iniciais na elaboração da atividade. A pesquisa realizada pelos alunos teve como fonte acervos digitais, reportagens, imagens, sítios de pesquisa disponíveis na *internet* e textos trabalhados na sala, além do livro didático.

Sob a orientação da professora, os grupos promoveram debates internos para planejar o seminário e sua apresentação para os demais grupos. Nessa altura, a professora dialogou com os discentes sobre as questões que compunham a proposta de roteiro e a importância de garantirem sua criatividade e autonomia. Foram vários momentos de conversa da professora com os grupos tratando de questões que variavam desde a estrutura da apresentação do seminário, problematizações acerca dos conteúdos abordados e correlações com a letra da canção escolhida. Essa foi a quarta etapa.

Na quinta etapa, ocorreu a apresentação do seminário e em seguida foram realizadas entrevistas com os alunos, a fim de avaliar se a atividade desenvolvida atendeu aos objetivos propostos. Nessa ocasião, os alunos foram os principais sujeitos da relação ensino-aprendizagem, controlando todas as etapas das atividades ocorridas na sala de aula. Essa etapa constituiu o ápice da pesquisa-ação. Nela vislumbramos o pleno

exercício da pesquisa, da autonomia e da criatividade. As apresentações envolveram a criação e utilização de vídeos, fotografias, poemas, outras canções, recortes de jornais e gráficos organizados pelos alunos.

Na sexta e última etapa, foi organizada uma palestra “Música popular e canções de protesto”, com o objetivo de ampliar o debate feito ao longo do semestre. Por serem concluintes do ensino médio (e essa era a última atividade da disciplina geografia), o contato com um professor universitário, quando a vida acadêmica se avizinhava, os empolgou significativamente.

Construindo conhecimento geográfico com o uso da música

Formaram-se cinco grupos na turma I e quatro na turma M. Na I os alunos, escolheram as músicas “Jumento Celestino”², “Pra não dizer que não falei de flores”³, “Migração”⁴, “Asa Branca”⁵ e “Fotografia 3x4”⁶. Já na M optou-se por “Asa branca”⁷, “Peguei um Ita no Norte”⁸, “Súplica Cearense”⁹, e “Apesar de você”¹⁰. De imediato, percebemos que a escolha das músicas contemplava e mesmo, ampliava o debate iniciado com a apresentação dos conteúdos debatidos em sala de aula.

Através das letras das canções na turma I, foram abordados temas como urbanização e pobreza, preconceito ao migrante e a frustração da vida na cidade, desigualdade social e relação campo cidade. Em suma, centralizaram suas análises no fenômeno da migração. Além desses temas, discutiram também, sobre violência urbana, os conflitos do período militar e projetos de integração econômica da Amazônia. O quadro 2 explicita as músicas e os temas que foram discutidos a partir delas:

² Mamonas Assassinas (1995).

³ Geraldo Vandré (1968).

⁴ Jair Rodrigues (2008).

⁵ Luiz Gonzaga (1947).

⁶ Belchior (1976).

⁷ Luiz Gonzaga (1947).

⁸ Dorival Caymmi (1945).

⁹ Composta por Waldeck Artur de Macedo (1960) e interpretada pelo cantor o Rappa (2008).

¹⁰ Chico Buarque (1978).

Quadro 2 - Turma I

| MÚSICAS | TEMAS |
|---------------------------------------|---|
| Pra não dizer que não falei de flores | Violência, desigualdade, Conflitos do período militar, Projetos de integração econômica da Amazônia |
| Migração | Relação campo cidade, Preconceito ao migrante, migração, Urbanização e Pobreza |
| Asa Branca | Seca no Nordeste, Fome, Migração |
| Fotografia 3x4 | Preconceito ao migrante, Migração, Urbanização, Desigualdade social, Relação campo cidade |
| Jumento Celestino | Relação campo cidade, Preconceito ao migrante, Migração, Urbanização e resistência |

Org.: Elaboração própria, 2020.

Apesar da relação campo-cidade aparecer nas duas turmas, a discussão girou especialmente em torno da corrida para a cidade, sem mencionar a questão agrária como um elemento-chave nesse processo. A saída do campo para a cidade e todos os problemas sociais que esse processo migratório acarreta foi apresentado pelos discentes como sendo um aspecto ligado à urbanização, sem qualquer relação com a questão agrária brasileira. Observamos que os alunos elegeram, de certa forma, o Nordeste como o território a ser discutido, por entenderem se tratar de uma região do Brasil que concentra os menores índices de desenvolvimento humanos. A Amazônia aparece logo após o Nordeste, mas sem ganhar maior destaque no debate.

Nas exposições feitas pelos alunos da turma I, a migração é apresentada como a busca por melhores condições de vida, mas ao mesmo tempo sinalizam que a migração leva determinados povos e regiões, especialmente norte e nordeste a se manterem em condições sociais bastante adversas, como afirma a aluna I4, “mas à medida que as famílias migram, perde-se a possibilidade de mudar essa condição regional”. Mais do que isso, “é aceitar que o norte e nordeste continue sua trajetória de fome e saque”, continua a aluna. Essas inquietações foram explicitadas quando da discussão das músicas, “Peguei um ita no Norte”, “Asa Branca” e “Jumento Celestino”. O tema da ditadura aparece nas discussões enfatizando o debate sobre democracia e liberdade de expressão.

Se na turma I o recorte territorial foi o nordeste e as questões políticas, econômicas e culturais relacionadas à seca na região (não que não tenham tratado das

demais regiões), a turma M privilegiou a Amazônia e o contexto da integração nacional, porém manteve o nordeste como tema privilegiado nas discussões. O debate com ênfase na região amazônica abordou especialmente, a tese da economia de ciclos bem como a espoliação promovida pelos grandes projetos, nessa região, no contexto da ditadura militar. Numa perspectiva mais geral, os alunos trataram os temas da distribuição de renda e da pobreza como causas para os fluxos migratórios e a vida precária na periferia das grandes cidades.

Quadro 3 - Turma M

| MÚSICAS | TEMAS |
|--|---|
| Súplica Cearense | Desigualdade social, Migração, Seca no Nordeste, Preconceito, Distribuição de Renda |
| Asa Branca | Condições climáticas, Migração, Cultura, e pobreza |
| Peguei um Ita no Norte | Regionalização, Migração, Globalização e economia de ciclos na Amazônia |
| Apesar de Você | Período Militar, Projetos de Integração da Amazônia |
| Pra não dizer que não falei das Flores | Violência, Desigualdade, Conflitos do período militar, Projetos de integração econômica da Amazônia |

Org.: Elaboração própria, 2020.

Na turma M, foram apresentados também outros temas, tais como globalização, regionalização, violência, pobreza e migração. De certa forma, os alunos construíram a crítica social, a partir de dois temas: concentração de renda e desigualdade social, seja para falar da pobreza que assola o nordeste brasileiro, seja para falar da riqueza da região norte em contraste com a vida pobre da sua gente e de seu povo. Todas as equipes e na quase totalidade das músicas, exploraram os problemas sociais das regiões norte e nordeste.

Ao longo das rodas de conversa e do seminário, os discentes demonstraram entender as narrativas principais das letras, destacando seu contexto de produção e as possibilidades de reflexão suscitadas a partir das músicas. Constatamos que, tanto na turma M, quanto na turma I, a migração foi um tema recorrente, relacionando-se com a industrialização e urbanização, focando especialmente no preconceito ao migrante e nas desigualdades sociais e regionais. Discutiram também o processo de urbanização

brasileiro, apresentando-o como perverso, retrato de um país extremamente desigual socialmente. Nessa discussão, o tema, migração campo-cidade aparece como questão transversal. Essas questões foram discutidas principalmente quando da apresentação das canções “Migração”, “Fotografia 3x4”, “Jumento celestino”, “Súplica Cearenses”, e “Asa branca”.

Os grupos que trabalharam com as músicas “Apesar de Você” e “Pra não dizer que não falei de Flores”, mesmo sendo de turmas diferentes, apresentaram questões muito próximas. Ambos os grupos trataram do contexto da Ditadura Militar e das políticas de integração econômica brasileira por meio de fotografias e jornais, recursos muito utilizados para retratar esse período. A leitura dos versos da letra propiciou ainda a explicação das metáforas utilizadas pelo autor para driblar a censura imposta pelo regime.

A apresentação da música “Peguei Um Ita no Norte” destacou o conflito em torno da autoria da canção assim como o contexto em que ela foi escrita. No debate, os alunos ressaltaram a pobreza da região em contraste com a sua riqueza natural e apontaram a migração como uma estratégia de busca de dias melhores. Também realizaram uma comparação com a música “Não Peguei o Ita” do compositor paraense Nilson Chaves. A partir das estrofes dessa canção, exaltaram o que a obra apresenta como cultura amazônica, marcada pela relação com os rios, as florestas e suas gentes. Ainda, nesse debate, discutiram a posição da Amazônia na Divisão Internacional do Trabalho enfatizando sua posição de subalternidade.

Percebemos que à medida que as atividades avançavam, assuntos anteriormente estudados eram incorporados ao debate permitindo uma maior complexidade às discussões, associando-se os conteúdos geográficos às letras das canções. Assim, outros temas eram combinados aos conteúdos estudados, garantindo a consolidação e a ampliação do conhecimento e das inquietações dos discentes com relação ao mundo em que vivem.

Problematizando a metodologia de ensino: com a palavra... os discentes!

Anteriormente à realização da palestra que encerraria o semestre e deixaria para os alunos inquietações sobre o uso da música como recurso didático, executamos entrevistas com os discentes a fim de avaliarmos o alcance dos objetivos propostos.

Realizamos entrevistas individuais logo após os seminários. As entrevistas¹¹ semiestruturadas tiveram o objetivo de compreender a opinião dos discentes, com relação à metodologia utilizada partindo da pergunta - “O que você achou do uso da música nas aulas de geografia?”

A totalidade dos entrevistados referiu-se às atividades “interessantes, inovadoras, quebra de rotina”. Nas palavras de uma aluna M5, a atividade com música contribuiu significativamente para seu aprendizado em Geografia: “A gente aprende de maneira abrangente. Depois que a gente olha e vai tirando às frases a gente acaba interpretando de maneira bem diferente do que a gente viu pela primeira vez” (Entrevista realizada em 21/12/2017).

Outros alunos da turma M também ressaltaram que a atividade “resgata a história de uma maneira diferente” vinculando diferentes disciplinas ao contexto da atualidade. Para M4 “Trabalhar o contexto histórico e social, ainda mais agora, nessa época de crise ajuda a entender que não é uma coisa de agora, agora só ganha mais força” (Entrevista realizada em 20/12/2017).

O aluno M1 menciona que, anteriormente a essas atividades, tinha muita dificuldade para participar das aulas e que se sentiu muito envolvido e empolgado através das músicas, especialmente por poder falar da cultura local.

Inicialmente não tinha muito interesse, mas depois que fui adentrando conhecendo a música e fazendo uma relação com o processo digamos assim geográfico e histórico né, em que ela mostra os autores fui me surpreendendo inclusive a música Peguei Um Ita no Norte e assim inicialmente eu tava trabalhando só com essa música, mas ai agora eu encontrei a música aqui do Nilson Chaves que é ‘Não Peguei o Ita’, que tá dando para fazer essa relação, ou seja, atividade surpreendente no sentido de que a gente pode fazer uma relação com a nossa cultura Nilson Chaves nessa música ‘Não Peguei o Ita’ ele meio que faz uma reafirmação assim da nossa cultura dos nossos gostos inclusive ele usa um vocabulário bem próprio nosso, então enquanto o ‘Peguei o Ita’ no norte é aquela coisa da pessoa que sai da sua terra para outro local e assim naquela busca de tentar procurar o melhor e reafirmando o que há de melhor na outra cultura não o que deixou aqui na terra, isso é fantástico (Entrevista realizada 11/12/2017).

Nas respostas dos alunos da turma I a ênfase dada foi a possibilidade de “sair do monótono”, do repetitivo, diferente do convencional e na promoção do “diálogo” utilizado para a construção da metodologia. O aluno I1 destaca ainda o protagonismo da professora na realização de atividades com música.

¹¹ Todas as entrevistas foram executadas no final do semestre (entre novembro e dezembro) após a realização das atividades com música.

A primeira professora a usar a música para tratar de um assunto que ela vai ensinar para gente, tipo todos os professores fazem o mesmo método, mas ela decidiu inovar e discutir com a turma achei bem legal [...] ela tá desenvolvendo tipo os grupos a escutarem a música uns dos outros, assim acho que com essa conversa fica bem melhor do que só ficar falando, falando e escrevendo no quadro e passando para gente, e a gente não passando nada uns para os outros. (Entrevista realizada 11/12/2017).

Nesta mesma direção, ressalta o aluno I3,

Foi surpreendente as aulas com a utilização da música. Pensei no início que a sala viraria uma bagunça e que a gente não ai conseguir dialogar, porque todo mundo fala ao mesmo tempo, quando os professores propõem atividades assim as vezes tinham isso daí, mas a professora dava um jeitinho e a gente se concentrava de novo. Pra mim, foi uma das melhores aulas que tive no Ensino Médio, por que todo mundo gosta de música (Entrevista realizada no dia 17/12/2017).

As entrevistas possibilitaram aos alunos expressarem as suas percepções com relação ao uso da música na sala de aula, destacando que a música os acompanha no seu cotidiano e que a possibilidade de ouvir música na sala de aula tornou o ato de estudar mais prazeroso. A aluna I3 diz gostar de “[...]saber o que os autores querem passar através da música” porque para ela “esse é o sentido da música”. Outra discente I2 afirma que a “Música faz parte da geografia como um todo e ela aborda temas tanto sociais quanto geográficos onde ela vive”.

As entrevistas e os trabalhos escritos foram importantes porque nos mostrou a capacidade dos alunos de associar os conteúdos com seu cotidiano, envolver outras disciplinas e levantar temas importantes para sua atuação na sociedade. Além disso, essas entrevistas foram *feedback* fundamental para os possíveis desdobramentos dessa pesquisa. Esse retorno ficou bem explícito por ocasião da palestra “Música popular brasileira e as Canções de protesto no ensino da Geografia”. Nessa ocasião os alunos dialogaram entre si e com os professores sobre a importância da música como um mecanismo de expressão e como um meio de interpretar realidades de diferentes locais, podendo, inclusive relacionar diferentes disciplinas e áreas acadêmicas.

Considerações finais

A Geografia é uma ciência fundamental para a construção do conhecimento e formação dos sujeitos, permitindo-lhes compreender e intervir nos mais diversos fenômenos sociais que ocorrem em seu cotidiano. Para que isso ocorra, o professor de Geografia deve se cercar de diversas metodologias, revendo assim, suas estratégias na

construção do ensino-aprendizagem. Isto, por sua vez, deverá contribuir para a negação da geografia como uma disciplina que se “decora” e o faça reconhecê-la em seu dia a dia (SILVA, 2015).

As músicas como metodologia para o ensino de Geografia têm uma grande importância, especialmente por que nos permite abarcar uma diversidade de temas que essa ciência aborda. As canções trazem, em sua essência, um leque de informações que fazem parte do cotidiano das pessoas, de suas crenças, de suas culturas, da política, das questões sociais. Trabalhar esses temas que são a base das relações das pessoas através da música é um diferencial, além do que foge à metodologia tradicional, convencional aplicada em sala de aula.

Verificamos que o uso da música como uma ferramenta metodológica transformou as aulas de geografia em momentos de pesquisa e problematização dos conteúdos, uma vez que permitiu aos discentes exercitarem autonomia, criatividade e construção de conhecimento crítico. O poder de decidir sobre os temas e as questões abordadas nas aulas, facilitou a construção de um ambiente escolar marcado pela troca, negociação e tolerância.

Portanto, percebendo as diferentes maneiras de se aplicar o uso de músicas em sala de aula e vendo seu potencial para se relacionar a um ensino e aprendizagem mais críticos, considerando os diferentes contextos da geografia, espera-se que essa pesquisa inspire a descoberta de outras maneiras e formas de aplicar as músicas em sala. Que tal não se faça apenas considerando as letras, mas também outros aspectos socioculturais que envolvem a musicalidade.

Referências Bibliográficas

CASTRO, D. Geografia e Música: A dupla face de uma relação. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, N. 26, p. 7-18., 2009.

CAVALCANTI, L.; **Geografia, Escola e Construção de conhecimentos**. 18ª ed. São Paulo: Editora Papirus, 2011.

CROZAT, D. Jogos e Ambiguidades da Construção Musical das Identidades Espaciais. In: DOZENA, A. **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRRN, 2016.

DA COSTA, T. L. **Música de Subúrbio: a cultura popular e música popular, na “hipermargem” de Belém do Pará**. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

DA COSTA, T. L. Carnaval e música carnavalesca em Belém do Pará: tradições e hibridismos. **Artcultura**, v. 18, n. 32, 27 dez. 2016. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/37072>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MENDES, M. P. B. da S.; SCABELLO, A. L. M. As metodologias do ensino de Geografia e os problemas de aprendizagem: a questão da apatia. **Form@re**. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

MONTEIRO, J.F.S. Canções de Protesto: O avanço da esquerda para e pelas artes. In: **Anais**. IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE o cinquentenário do golpe de 64. Outubro de 2014.

PAIXÃO, L. A e VIEIRA S.F. O Movimento da Música de Protesto no Brasil (1961- 1968). **Anais**. VIII Encontro de produção Científica e Tecnológica. Campo Mourão-PR, 2013.

PASSINI, E. Y; PASSINI, R; MALYSZ, S. T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2^a. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, S, R. **A importância da música nas aulas de geografia**: Práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia. Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Cajazeiras – PB, 2015.

TRIPP, D. “Pesquisa-ação: uma introdução metodológica”. **Revista Educação e Pesquisa**, Vol. 31, n.3, p 443 – 466. São Paulo – SP, 2005.

Recebido em 28 de novembro 2019.

Aceito para publicação em 16 de agosto de 2020.